



A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDANTE COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS NA PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Jonathan Atkinson Freire da Silva¹ e Nathalia Gabriella Fernandes Aguiar²

RESUMO

Este artigo salienta a importância de uma relação boa professor-aluno em relação ao discente com deficiência. Tem como objetivo discutir aspectos relacionados à importância da relação professor-aluno e como esse relacionamento pode interferir no desenvolvimento do discente com necessidades educacionais específicas. Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica para contribuição de fundamentação teórica, buscando suporte para a definição dos conceitos. O objeto de análise desta pesquisa parte da perspectiva de como o docente pode auxiliar o desenvolvimento do educando, buscando uma relação baseada em empatia (MACHADO, 2016). Deu-se ênfase nas teorias de Vygotsky, que busca compreender o processo de aprendizagem através do estudo das Zonas de Desenvolvimento Proximal, e Wallon, que por sua vez, discute aspectos relacionados ao meio em que o indivíduo está inserido e como isso afeta a aprendizagem, através da Psicogênese da Pessoa Completa. Convém salientar que por meio da experiência de um dos autores desse artigo como monitora do projeto de extensão Programa Esperança Viva na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN), tornou-se possível observar na prática como a relação professor-aluno possui importância para o desenvolvimento do discente.

PALAVRAS-CHAVE

Relação professor-aluno; necessidades educacionais específicas; educação inclusiva.

Como citar este artigo?

SILVA, Jonathan Atkinson Freire da; AGUIAR, Nathalia Gabriella Fernandes. A importância da relação professor-aluno para o desenvolvimento do estudante com necessidades educacionais específicas na perspectiva de uma educação inclusiva. *In: Encontro sobre Música e Inclusão*, 8., 2021, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2021. Tema: Como anda a Inclusão? Pessoas com necessidades educacionais específicas nos contextos não presenciais de Ensino. p. 36 – 47. Disponível em: <https://emi.musica.ufrn.br/>.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: jonathan_atk@hotmail.com.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: nathlia99@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O tema educação inclusiva está cada vez mais presente no meio educacional. Este fato deve-se às tentativas de propor mudanças ao tradicional sistema de ensino, que caracterizou-se por ser excludente e segregatório.

No entanto, existem diversos obstáculos para transformação do sistema educacional. Silva (2007, p. 14) aponta que um dos principais desafios seria efetivar na prática os princípios que fundamentam uma escola inclusiva. Princípios estes que fazem referência ao Art. 3º da Política Nacional de Avaliação e Exames da Educação Básica, os quais declaram a igualdade de condições para o acesso e permanência do estudante na escola. Partindo do pressuposto que a escola, enquanto instituição social, deve ter compromisso com valores éticos e morais, bem como compreensão quanto à heterogeneidade humana, ou seja, as diferenças apresentadas pelo indivíduo, sejam elas de fatores biológico, psicológico, cultural ou social.

Diante dessa perspectiva, Sampaio (2009, p. 31) diz que a escola tem um papel significativo, tanto para o desenvolvimento social e cognitivo das crianças, quanto para sua saúde psíquica, uma vez que ela é o primeiro espaço social promotor de separação entre a criança e a família. Assim sendo, o desenvolvimento cognitivo poderá ser potencializado, em alguns casos, se houver uma boa relação entre professor e aluno. Com a finalidade que o significado de boa relação entre esses dois participantes seja bem abordado e compreendido, procurou-se fundamentação em Machado (2016), que será abordado nos próximos tópicos.

A justificativa do tema apresentado baseia-se nas experiências vivenciadas pelos autores da pesquisa no Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Médio e enquanto monitora do projeto de extensão Programa Esperança Viva. Nesses ambientes foi possível perceber de que maneira a relação entre professor e aluno influencia no desenvolvimento no educando. Após essas vivências, na disciplina de Fundamentos Psicologia Educacional, foi produzido um artigo a partir do que foi observado nessas experiências.

A justificativa da pesquisa deu-se na importância que o estudo apresenta para a área da Educação Especial e Inclusiva, pois, contribuiu para a expansão do campo específico da ciência estudado que refere-se à relação entre professor e aluno. O ganho para a área docente através desta pesquisa empreendida é o benefício do público-alvo por meio das experiências anteriormente citadas. Pois, mediante o conhecimento apreendido, será possível objetivar metodologias que facilitem o desenvolvimento do educando no ambiente escolar. A abordagem da pesquisa fornecerá uma perspectiva psicológica educacional fundamentada na Teoria Sócio-Cultural de Vygotsky e na Teoria da Psicogenética de Henri Wallon. O objetivo

baseia-se em explicar como o relacionamento entre professor e aluno influenciam no desenvolvimento deste.

2 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Uma boa relação entre professor e aluno baseia-se na empatia. Nessa pesquisa, o conceito de empatia não será discutido a partir do seu significado por senso comum. Através de uma pesquisa bibliográfica, buscou-se suporte na autora Machado (2016) acerca do significado do termo empatia. A autora discute que empatia é estar presente, não apenas averiguando uma dificuldade de aprendizagem, e sim fornecer auxílio para solucionar tais empecilhos. À vista disso, em situações que o docente saiba as necessidades do aluno e não as ignore, procurando compreendê-las e mostrando-se presente para solucioná-las, poderá contribuir para o desenvolvimento do aluno, mais especificamente, do aluno com necessidades educacionais específicas.

O docente tem papel fundamental no desenvolvimento de qualquer educando. Esse desenvolvimento, por meio da construção de conhecimento, para Vygotsky, é um processo que deve-se trabalhar em conjunto. Portanto, o professor, primordialmente, guiará o estudante em sua trajetória de aprendizagem, assim como os colegas de sala e o corpo docente da instituição de ensino serão uma ajuda externa. Segundo Sampaio (2009, p. 95), ao apontar para a relevância do vínculo professor-aluno, considera-se o docente como mediador da relação do estudante com o conhecimento e responsável pela sua formação. Levando isso em consideração, podemos inferir que, para um estudante com Necessidades Educacionais Específicas, uma boa relação professor-aluno é ainda mais fundamental. Isso porque o educador deve trabalhar aspectos específicos da necessidade educacional do discente, que o ajudem a desenvolver-se da melhor maneira possível. Mas de que formas essa relação pode auxiliar o desenvolvimento do estudante?

Essa questão é importante de ser discutida pois a falta de uma boa relação do professor com esses discentes acaba tendo um peso maior no desenvolvimento deles do que em educandos sem necessidades específicas. No entanto, é preciso alertar para as limitações do ato docente, já que não será possível, em alguns casos, como em doenças mentais, que o educador interfira no desenvolvimento apenas através da ação pedagógica. Sendo necessário uma equipe interdisciplinar que trabalhe com adaptações as quais possibilitem o desenvolvimento integral do indivíduo.

No cotidiano de uma sala de aula, o docente lida com estudantes de diferentes realidades. Dentre esses educandos, poderão surgir diversas deficiências, sejam elas de caráter mental (como transtornos de aprendizagem) ou física (deficiência visual, auditiva ou

motora, por exemplo). Nesse contexto, o professor irá exercer papel essencial, uma vez que participará de uma interação diária com esses discentes, sendo ele o personagem mais próximo capaz de detectar falhas na aprendizagem dos estudantes. Isso posto, faz-se primordial que essa relação seja benéfica e construtiva.

Nesse sentido, uma boa relação professor-aluno, no contexto de uma educação inclusiva, gera uma maior integração do educando, tanto com a turma, quanto na sociedade. É importante, nesse caso, pontuar que a educação inclusiva difere da educação especial. De acordo com Glat e Blanco (2006, p. 24), a educação especial defende que a pessoa com deficiência deve ser inserida na sala de aula, porém apenas se ela mostrar condições de acompanhar a turma e recebendo, paralelamente, um apoio especializado. Os princípios da educação inclusiva são que toda pessoa com necessidades educacionais específicas deve ser inserida na sala de aula das escolas regulares e que a instituição de ensino deve adequar-se às necessidades dos educandos. Será nesse contexto que analisaremos como a relação professor-aluno ajuda o estudante com necessidades educacionais específicas a desenvolver-se.

3 O PROBLEMA DA FALTA DE UMA BOA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO PARA O ESTUDANTE COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS

A falta de uma boa relação professor-aluno revela uma grande falha no sistema escolar e é um elemento dificultador no processo de ensino-aprendizagem do estudante. Se a falta dessa boa relação professor-aluno para com o estudante sem necessidade educacional específica já é dificultadora da aprendizagem, para o estudante com deficiência, essa boa relação faz uma falta maior ainda. Como o docente é, comumente, aquele que identifica a presença de alguma dificuldade de aprendizagem, é de suma importância que ele assuma papel ativo no desenvolvimento do estudante. No entanto, não é sempre que vemos isso ocorrendo na prática.

Exemplificando o impacto de uma má relação entre professor-aluno, aconteceu através de experiência vivenciada através de Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Médio. Nesse Estágio, um dos autores do presente artigo pôde ter contato com a realidade de um discente com Necessidades Educacionais Específicas. O cenário apresentado não foi animador, pelo fato de a escola nem sequer ter procurado identificar quais eram as dificuldades do estudante, para que assim os professores pudessem ter um diagnóstico com o qual poderiam buscar estratégias de intervenção. Dessa forma, o aluno não conseguia ter um bom desempenho em sala de aula e na posição de estagiário

pouco, ou nada, pôde ser feito para incluir aquele aluno nas aulas de maneira satisfatória, dado o abandono por parte da escola e dos pais em fornecer informações sobre o discente para que assim, todos os professores, bem como o estagiário, pudessem buscar ferramentas para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Silva (2007), se a relação professor-aluno não tiver vínculo suficiente para que o desenvolvimento do discente ocorra, a ação educativa não acontecerá de maneira satisfatória. A autora ainda trata acerca das barreiras atitudinais, considerada a de mais difícil superação, uma vez que envolve questões subjetivas que associam-se com os pensamentos dos educadores a respeito dos fundamentos divergentes do processo de inclusão.

Essas barreiras não são removidas pela imposição de legislação, decretos, e/ou fazendo valer determinação de ordem superior. Dependem muito mais da reestruturação dos aspectos subjetivos (afetivo-emocionais) que interferem na postura de cada pessoa e nas atitudes de cada um frente ao outro, diferente de nós, com características únicas, intransferíveis, e que, por isso mesmo oferecem possibilidades para o conhecimento do ser humano (SILVA, 2007, p. 118).

De acordo com Araújo (2019, p. 11), "muitos professores não se dão conta do quanto é importante o seu papel na vida dos alunos". A autora aborda as dificuldades passadas quando tinha 8 anos, o que levou na sua reprovação no 3º ano do Fundamental I, situação em que sentiu-se triste e incapaz. Pois, a professora acabou não percebendo a dificuldade de aprendizagem presente na aluna. Isso demonstra que quando o docente não desenvolve uma relação de afetividade e respeito com o educando, pode resultar em empecilhos no que refere-se ao desenvolvimento do mesmo.

Diante dessa perspectiva, existem diversos fatores os quais dificultam a conexão professor-aluno, como a implementação inadequada das técnicas, a insuficiência de modos de triagem e monitoramento, a necessidade de integração entre as partes interessadas, a falta de sensibilidade do profissional docente, entre vários outros fatores apontados por Fletcher (2009). É válido ressaltar que a rede regular de ensino, apesar dos grandes avanços para incluir os indivíduos com deficiência, ainda não consegue, infelizmente, atender esse público de maneira satisfatória. Contudo, esses fatores precisam ser contornados no sentido de promover ao estudante com necessidades educacionais específicas seu desenvolvimento da melhor forma possível, com o intuito de integrá-lo no contexto da educação inclusiva.

4 COMO O PROFESSOR PODE AJUDAR O ALUNO COM DEFICIÊNCIA EM SEU DESENVOLVIMENTO

Do ponto de vista de Sampaio (2009, p. 95), numa sala de aula, o reconhecimento da parte do docente de que cada estudante é diferente, mostra que os discentes com necessidades educacionais específicas não são aqueles apenas com deficiência. A autora ainda afirma que é preciso trabalhar a especificidade e as singularidades dos educandos e que não é todo docente que está preparado para tornar-se um educador inclusivo. Porquanto, analisar a individualidade de cada aluno é um dos grandes desafios no caminho da inclusão. Fazer-se perceptível às singularidades dos estudantes e possuir metas claras acerca dos materiais didáticos que atendam as demandas educacionais específicas é essencial para promover um desenvolvimento no aluno em sala de aula.

Analisando o que Silva (2007, p. 48) diz, o processo de inclusão não é apenas inserir o aluno com deficiência na rede regular de ensino, pelo contrário, vai desde o Projeto Político Pedagógico até a postura profissional dos docentes e o tipo de relacionamento entre este e os educandos. A prática nas instituições de ensino em apenas inserir o educando no meio educacional e não se importar com suas interações no meio social, assemelha-se mais com exclusão.

Segundo Silva e Aranha (2005, p. 376), as atitudes do educador (seu jeito de pensar, agir e sentir) irá refletir nas condutas do estudante. Dessa forma, se o docente não demonstrar apoio ao educando, com o intuito de ajudá-lo com determinadas necessidades educacionais específicas, o aluno não irá se sentir a vontade e confiante na relação. Como descrito por Soares (2006, p. 91) através de uma pesquisa realizada com duas professoras que possuem discentes com necessidades educacionais específicas, foi possível concluir que as ações das professoras em questão, contribuíram para melhor participação dos alunos em sala de aula. Visto que beneficiou os relacionamentos com os colegas, como também elevou a auto-estima e melhoraram as condições cognitivas.

Com o objetivo de demonstrar formas de como o docente pode auxiliar o aluno com necessidades educacionais específicas em seu desenvolvimento, discutiremos as abordagens vygotskianas e wallonianas no sentido de entendermos o desenvolvimento de acordo com cada teórico.

4.1 Abordagens Vygotskianas

A teoria sociocultural do desenvolvimento da aprendizagem de Vygotsky, como apresentada por Cubero e Luque (2004, p. 105), considera a construção do conhecimento não como um processo individual, mas de ideação conjunta. Assim sendo, essa estruturação é realizada através de ajuda externa, que, no caso do ambiente escolar, vem do professor e dos colegas de sala.

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é um importante conceito para entender como fatores interpessoais (externos) vão para intrapessoal (psicológico). Essa zona consiste na distância entre o nível de desenvolvimento real do indivíduo (capacidade fazer algo independentemente) e o nível de desenvolvimento potencial (capacidade de fazer algo sob orientação). De acordo com Sampaio (2009, p. 82), o educador tem demasiada importância na mediação entre as zonas, na ZDP ele deve estar atento aos indícios pelos quais as crianças com dificuldades de desenvolvimento sinalizam suas especificidades no percurso do processo de ensino-aprendizagem. Essa zona possui um sistema interativo, onde as pessoas e as ferramentas culturais permitem ao indivíduo ir além das suas competências atuais.

Dessa forma, a ZDP terá muita importância para o desenvolvimento do estudante, já que na medida que seus conhecimentos passem para a zona de desenvolvimento real, outros conhecimentos, antes fora de seu alcance, entram para a zona de desenvolvimento potencial. O papel ativo dos educandos, nesse caso, é importante no caráter dinâmico da ZDP. Intervenções de todos os participantes é fundamental, não apenas do docente.

No caso de uma escola inclusiva, a interação entre os estudantes é muito interessante, pois além dos próprios discentes se ajudarem, já que possuem níveis de desenvolvimento diferentes, estariam integrando o aluno com deficiência na sala de aula. Para Cubero e Luque (2004, p. 105), o educador, na maioria dos casos, orienta as trocas e dá sentido ou situa as intervenções dos participantes, contudo, os alunos podem apropriar-se da situação em sentidos não previstos pelo docente.

Essas trocas acontecem por meio da participação guiada, uma vez que o professor torna-se um guia para a aprendizagem. Dessa forma, o docente deve construir pontes entre níveis de compreensão do estudante, organizando as atividades de forma que eles possam realizar a parte que lhes é acessível. O educador é quem estrutura a participação dos alunos de forma dinâmica, ajustando-se às condições do momento e, na medida que a autonomia e responsabilidade deles for maior, o controle pode ir se transferindo para os discentes. No caso do estudante com necessidades educacionais específicas, essa autonomia pode fazer uma grande diferença em sua autoestima e em seu desenvolvimento, a partir do auxílio do professor, que acontecerá juntamente com os outros estudantes.

4.2 Abordagens Wallonianas

Partindo para a perspectiva de Henri Wallon, segundo Galvão (1995, p. 11), uma pedagogia inspirada na psicogenética walloniana não considera o desenvolvimento intelectual como único objetivo da educação. Pelo contrário, considera-o um meio para atingir uma meta maior: o desenvolvimento como pessoa, uma vez que a inteligência é apenas uma parte do que é constituída a pessoa.

Diante disso, a abordagem walloniana indica que devemos olhar o estudante de modo integrado, levando em consideração todos os campos funcionais (afetividade, motricidade e inteligência) e a conexão entre eles. Dessa maneira, o docente deve trabalhar esses fatores de maneira agregada com a turma na perspectiva de praticar uma educação inclusiva, de modo que todos os indivíduos sintam-se parte integrante do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse ponto de vista, quando o educador é capaz de identificar, com clareza, quais fatores causam, por exemplo, manifestações emocionais, que por sua vez geram impacto na atividade intelectual, ele terá mais possibilidades de controlá-las e, por conseguinte, encontrar caminhos para solucioná-las. É dever do professor encontrar meios para contornar situações de elevada temperatura emocional, como se tem comumente na escola, e encontrar meios para elas racionalizarem as situações, instigando, posteriormente, reflexões (GALVÃO, 1995, p. 113). Em um contexto de educação inclusiva, isso é de extrema importância em decorrência aos conflitos que podem surgir devido às diferenças entre os estudantes.

Contudo, não são todos os conflitos que devem ser extinguidos do ambiente escolar, uma vez que estes também são essenciais para o desenvolvimento da personalidade. Ao contrário, o conflito tem um papel importante e pode ter um significado positivo no desenvolvimento do estudante. Porém, quando possível, o educador deve distinguir aqueles conflitos que acontecem de modo a gerar um impacto positivo e aqueles que são inadequados ou equívocos (GALVÃO, 1995, p. 52).

A utilização de métodos tradicionais e o autoritarismo na relação professor-aluno, segundo Idem (1995, p. 90), colocam a criança numa posição de passividade, impedindo suas interações sociais e ofuscando sua espontaneidade e curiosidade natural. Assim, se perde um dos principais fatores de inclusão escolar, que é a afetividade, tal qual é um pilar fundamental para o desenvolvimento.

Como podemos observar na teoria da psicogênese da pessoa completa, o meio no qual o indivíduo está inserido interferirá no desenvolvimento. Wallon recusa-se a selecionar um único aspecto do ser humano e analisá-lo, ou seja, o estudo integrado do desenvolvimento será a ênfase na teoria walloniana. O homem, ser geneticamente social, possui inúmeros contextos, como: cultural, social e familiar, o conhecimento de mundo que o discente tem por

meio desses contextos irá interferir no desenvolvimento. Esse avanço acontece em fases (GALVÃO, 1995, p. 42), de forma que seja uma construção progressiva, tendo cada fase suas respectivas particularidades, podendo possuir predominância da atividade afetiva ou cognitiva.

De acordo com Soares (2006, p. 96) a perspectiva social deve ser considerada no ensino da pessoa com necessidades educacionais específicas e a deficiência não é unicamente um aspecto biológico. À vista disso, o professor não deve apenas analisar o discente no que diz respeito aos seus resultados nas avaliações, por exemplo. Grande parte da construção da personalidade do educando se dá a partir da "expressão do eu", como colocado por Galvão. Essas expressões podem se dar a partir de atividades artísticas, por exemplo, que permitem o sujeito expressar sua subjetividade. É o conjunto de uma boa relação professor-aluno e do meio a ser utilizado para interações que resultam em um bom desenvolvimento escolar.

Na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN), existe uma ação de extensão proposta pelo Setor de Musicografia Braille e Apoio à Inclusão (SEMBRAIN) chamada Programa Esperança Viva. O Programa atende pessoas com deficiência visual, Transtorno do Espectro Autista (TEA), surdez, Síndrome de Down, microcefalia e múltipla deficiência. Por meio da experiência como monitora de um dos autores deste artigo na prática da docência com estudantes os quais possuem cegueira, baixa visão e múltipla deficiência, foi possível perceber a tenuidade que deve ser a relação professor-aluno. Através das aulas e de uma boa relação professor-aluno, os estudantes passaram a ver a vida com outros olhos, é tanto que o nome do Projeto foi dado por um discente ao dizer que pelo mundo havia muita esperança morta, porém, o projeto deu a ele uma esperança viva.

Uma aluna em específico que apresentava além da visão subnormal, perda auditiva e Neuropatia Diabética³, tinha ansiedade, fato esse que dificultava a sua participação nas aulas e até mesmo, em alguns casos, a sua frequência em sala de aula. O relacionamento entre ela e o corpo docente foi primordial e continua sendo para que ela possa se desenvolver. Nós monitores, passamos a procurar alternativas que não causasse ansiedade, como por exemplo: avisar a data dos exames avaliativos muito tempo antes enquanto simultaneamente era realizado uma avaliação continuada. Foi perceptível, diante disso, a necessidade de construir um vínculo com o discente, pois, segundo Sampaio (2009, p. 94): "a docência é uma

³ A Neuropatia Diabética, ou Diabetes, afeta os nervos causadores da sensação de dor e tato. Consequentemente, gerando uma perda da sensibilidade nos dedos da mão. Nesse caso, esse fator prejudica a leitura do Sistema Braille em suportes típicos. Dessa maneira, todo material em Braille deve ser adaptado, de forma que fique ampliado, facilitando então, a leitura do Sistema.

profissão relacional, cujo exercício não se reduz apenas à aplicação de técnicas e instrumentos".

Outros alunos que tinham desistido de estudar por falta de um ambiente acessível e de docentes que entendessem suas especificidades, voltaram a instruir-se e, posteriormente, entraram em cursos superiores e técnicos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Isso demonstra que o processo de ensino-aprendizagem com o auxílio de um profissional que tenha conhecimento das estratégias as quais facilitem o desenvolvimento do indivíduo, pode colaborar para a construção do indivíduo por meio da integração social, inserindo-os de modo digno à sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa pesquisa, foi possível perceber as dificuldades para a efetivação da educação inclusiva. Pode-se analisar, ainda, que nos momentos em que o relacionamento entre professor e aluno é benéfico, ou seja, baseado no conhecimento das diversidades de cada discente, o educando irá desenvolver-se nas atividades escolares. Sampaio (2009, p. 147) aponta que a inclusão significa um desafio a ser enfrentado para que as crianças e todos aqueles comprometidos com a educação não sofram as consequências de um sistema escolar excludente. Partindo do pressuposto que devemos redirecionar a atenção para o cotidiano da sala de aula, e principalmente, à relação professor-aluno ao invés de olharmos apenas as dificuldades dos educandos, para então podermos desenvolver uma escola para todos. É necessário que o professor possua um olhar direcionado para as potencialidades dos discentes e trabalhe em cima delas.

Diante disso, fica claro que o educador, além de transmitir conhecimento, é um ser essencial para a construção do ser humano como um todo. Uma relação professor-aluno positiva é capaz de otimizar o processo de ensino-aprendizagem. Nos casos em que há estudantes com deficiência não é diferente, sendo então o profissional da educação uma peça de extrema importância na formação do indivíduo. Pois, ele irá trabalhar o discente na sala de aula levando em consideração suas especificidades.

Como descrito por Araújo (2019), o docente necessita compreender as individualidades do corpo estudantil que está trabalhando, desenvolvendo um relacionamento de afetividade, autoridade e respeito. A relação benéfica e construtiva professor-aluno irá promover, além de um melhor desenvolvimento do discente com necessidades educacionais específicas, um ambiente de integração entre todos os educandos – para que não haja segregação – . Dessa forma, todos os estudantes ganham um com outro, pois alunos que não possuem deficiência, aprendem mais sobre o universo

do discentes com necessidades educacionais específicas. Assim eles são mais incluídos, não só na sala de aula mas também, futuramente, na sociedade.

A construção de uma educação inclusiva pode ser definida como uma utopia por parte da sociedade e até mesmo pelos envolvidos no processo, que devem estar todos comprometidos com uma educação de qualidade (FARIAS, 2008, p. 382). Portanto, o professor deve fornecer guias de compreensão para o estudante, vendo-o de maneira integrada nos seus contextos sociais e estruturando a participação deste com o meio de sala de aula que ele está inserido. Criando, assim então, uma autonomia que favoreça a autoestima e o desenvolvimento.

Dessa forma, faz-se necessário que o tema seja amplamente discutido para que as utopias possam deixar de ser uma realidade distante e passem a se figurar comumente no cenário educacional.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Francisca Aldecir Mendes Costa de. **A relação professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com dificuldades de aprendizagem**. 2019.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ensino Superior do Seridó. Departamento de Educação. 2019. Disponível em: <http://monografias.ufrn.br/handle/123456789/9371>. Acesso em 09 fev. 2020.

BRASIL. Decreto Nº 9.432, de 29 de junho de 2018. **Regulamenta a Política Nacional de Avaliação e Exames da Educação Básica**. Brasília, DF. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9432.htm. Acesso em: 29 fev. 2020.

CUBERO, Rosario; LUQUE, Alfonso. Desenvolvimento, educação e educação escolar: a teoria sociocultural do desenvolvimento e da aprendizagem. *In*: COLL, César. et all. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre, Artmed, 2004. v. 2 Psicologia da Educação Escolar.

FARIAS, Iara Maria de; MARANHÃO, Renata Veloso Albuquerque; CUNHA, Ana Cristina Barros de. Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada (Mediated Learning Experience Theory). **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, set./dez. 2008, v.14, n.3, p.365-384. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382008000300004>. Acesso em: 08 fev. 2020.

FLETCHER, Jack M; LYONS, G. Reid; FUCHS, Lynn S.; BARNES, Marcia A. **Transtornos de aprendizagem: da identificação à intervenção**. Editora Artmed, São Paulo, 2009.
GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 1995. 134 p. (Coleção Educação e conhecimento) ISBN: 8532614027.

GLAT, Rosana; BLANCO, Leila de Macedo Varela. Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva. *In*: GLAT, Rosana (Org.). **Educação Especial: Cultura e cotidiano**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. p. 15-35.

MACHADO, Bárbara Alvez Branco. **A busca da empatia e do estabelecimento de vínculos na relação professor/aluno - Reflexões a respeito das práticas docentes realizadas em estágio supervisionado de Língua Espanhola em Contexto Escolar.** 2016. 86 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letra Línguas Adicionais) - Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2016. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/handle/riu/722>. Acesso em: 01 mar. 2020.

MATTOS, Gabriel Gonçalves. O papel do professor diante das situações de dificuldades e transtornos de aprendizagem. **Revista Científica Eletrônica da Pedagogia**, São Paulo, p.1-8, jul. 2016.

SAMPAIO, Cristiane T.; SAMPAIO, Sônia Maria R. **Educação inclusiva: o professor mediando para a vida.** Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788523209155>. Acesso em: 03 fev. 2020.

SILVA, Karla Fernanda Wunder da. **Inclusão escolar de alunos com deficiência mental: possíveis causas do insucesso.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/17040>. Acesso em: 02 fev. 2020.

SILVA, Simone Cerqueira da; ARANHA, Maria Salete Fábio. Interação entre professora e alunos em salas de aula com proposta pedagógica de educação inclusiva. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 11, n. 3, p. 373-394, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v11n3/v11n3a05.pdf>. Acesso em 04 fev. 2020.

SOARES, Lisbeth. **Formação e prática docente musical no processo de educação inclusiva de pessoas com necessidades especiais.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2954>. Acesso em: 04 fev. 2020.